

---

## MUSEOLOGIA: ALGUMAS IDÉIAS PARA A SUA ORGANIZAÇÃO DISCIPLINAR

A problematização das hipóteses científicas nas Ciências Humanas, vinculada ao estudo da Cultura Material, procura elucidar os processos de continuidades e mudanças dos distintos fenômenos ligados aos grupos humanos do presente ou das sociedades extintas. Por um lado, essa busca orienta-se para a compreensão das possibilidades de dispersão dos vestígios materiais (evidências culturais) em um território e a respectiva inserção nos diferentes níveis das sociedades e, a partir de diferentes metodologias, esses vestígios acabam sendo retirados de seu local de origem e reunidos em uma instituição. Por outro lado, muitos destes estudos partem dos objetos já reunidos em instituições, com o objetivo de entender o perfil das sociedades que os produziram. De uma forma, ou de outra, a evidência material da cultura é um elemento de crucial importância para estas análises e os museus estão entre as principais instituições que guardam esses indicadores da dimensão cultural das sociedades.

Assim, não só os museus têm uma íntima vinculação com o desenvolvimento de diversos ramos das Ciências Humanas, mas a Museologia - enquanto disciplina - apresenta uma acentuada cumplicidade com estas áreas de conhecimento e também com os outros ramos do conhecimento científico.

Cabe salientar que a Museologia oferece às outras áreas uma oportunidade especial de aproximação sistemática com a sociedade presente, para a necessária e requisitada devolução do conhecimento,

uma vez que vincula suas principais preocupações em dois níveis, a saber:

- 1º) identificar e analisar o comportamento individual e/ou coletivo do homem frente ao seu patrimônio.
- 2º) desenvolver processos técnicos e científicos para que, a partir dessa relação, o patrimônio seja transformado em herança e contribua para a construção das identidades.

Os indicadores/vestígios das sociedades que correspondem ao interesse de estudo da Cultura Material são, também, elementos da herança patrimonial, tratados e comunicados pela Museologia.

Seriam olhares diferentes sobre o mesmo fenômeno, como acontece em relação a diversas áreas de conhecimento? A resposta é negativa. São olhares complementares e cúmplices.

As Ciências Humanas, em geral, evidenciam facetas das sociedades, descobrem peculiaridades de um passado às vezes esquecido e fazem aflorar os indicadores da memória, mas não têm potencialidades efetivas de comunicar-se em larga escala com a sociedade presente. Já a Museologia se estrutura como a área de conhecimento específica para viabilizar essa comunicação, mas depende, evidentemente, da produção de conhecimento próprio às áreas que estudam os indicadores da memória.

A partir de uma perspectiva histórica é possível considerar que, desde os primeiros trabalhos escritos sobre coleções, já se encontrava o prenúncio de uma área de conhecimento que apenas neste século seria estruturada.

Segundo Guarnieri (1989:7)... “O holandês Quiccheberg, em Munique, em 1565, ao elaborar a primeira tentativa de uma teoria das coleções de museu, talvez não pudesse avaliar o pioneirismo de sua contribuição numa área totalmente nova ou que seria seguido, posteriormente, por Major, no século XVII, afirmando o caráter disciplinar da Museologia; por Neickelius, em 1727; por Diderot, em 1765, com seu ensaio sobre a organização racional do Louvre; por Lafont Saint Yenne, durante a Revolução Francesa, postulando em panfletos por “museus para o povo”; por Goethe e seus lúcidos textos sobre a atividade museal (aumento das coleções, arranjo estético, função educacional dos museus)”.

Desta forma, até este século, muitas evidências comprovam que o fazer museal impôs, a partir de uma reflexão crítica, a constituição de um universo particular para a edificação de sua epistemologia. Esta trajetória tem sido lenta e ainda hoje confronta-

---

se com o número reduzido de profissionais preocupados com a estruturação teórico-metodológica desta disciplina, com poucas escolas de formação e com um objeto de estudo extremamente diversificado que dificulta as análises comparativas.

A identificação das associações mentais, que têm contribuído para a formação do pensamento museológico, tem sido lenta e dispersa em diversas partes do mundo. Esta realidade epistemológica que envolve a Museologia tem dificultado, também, a elaboração de princípios básicos e hierarquizados de raciocínio sobre o fenômeno museal.

É possível reconhecer que as preocupações museológicas correspondem às questões inerentes à preservação, organização, comunicação e educação patrimoniais. Entretanto, o museu - enquanto instituição - ainda reúne e absorve grande parte dessas preocupações.

Segundo Pomian (1984), as sociedades humanas têm o hábito de eleger, selecionar, reunir e guardar objetos desde a pré-história. Com isso, fica evidente a relevância dos objetos no cotidiano dos homens e o lugar de destaque que ocuparam as famosas coleções, ao longo da História, na tentativa de superar os limites da transitoriedade humana.

Se, hoje, pode-se afirmar a inquestionável importância dos objetos, é porque, ao lado do exercício humano de elaborar um artefato, sempre existiu alguma idéia de preservação.

Portanto, cabe enfatizar que os museus herdaram essa atitude e são responsáveis pela sua perpetuação, ao lado de outros modelos institucionais (arquivos-bibliotecas) e mesmo de outros processos sociais.

Considerando que os templos da Antiguidade, os gabinetes, galerias e antiquários e os museus enciclopédicos deixaram contribuições para a idéia de museu presente neste século, constata-se que o homem, ao longo do tempo, não deixou de lado a preservação de seus vestígios e que, de uma maneira ou de outra, mesmo privilegiando as marcas das elites, o museu é um fenômeno mundial.

Entretanto, na contemporaneidade, este modelo institucional divide sua atenção entre problemas preservacionistas e outros vinculados, por exemplo, a questões acadêmicas, definições administrativas e políticas, sem contar as dificuldades técnico-científicas enfrentadas para acompanhar a evolução do conceito de preservação que caminhou mais rapidamente fora dos museus.

Reafirmando que a preservação é a função básica de um museu e que a partir dela estão subordinadas todas as outras, tais como **coleta** e **estudo** dos objetos e/ou espécimes da natureza; **salv guarda** das coleções e/ou referências patrimoniais (conservação e documentação) e **comunicação** (exposição, educação e ação sócio-cultural), salienta-se que o desempenho articulado de todas estas facetas preservacionistas deve estar vinculado ao exercício da disciplina museológica.

Em recente estudo, Peter Van Mensch (1994) apresenta um panorama sobre os principais caminhos que os teóricos têm apontado, no sentido de contribuir para a construção da Museologia como disciplina científica. Baseando-se na produção escrita e organizada no âmbito do ICOFOM - Comitê Internacional do ICOM<sup>2</sup> para a Museologia, o referido autor indica que existem cinco segmentos de idéias, a saber (Quadro 1):

---

(2) International Council of Museum/ UNESCO

- 1) a Museologia como estudo da finalidade e organização de museus;
- 2) a Museologia como o estudo da implementação e integração de um conjunto de atividades visando à preservação e uso da herança cultural e natural;
- 3) a Museologia como o estudo dos objetos de museu;
- 4) a Museologia como estudo da musealidade e,
- 5) a Museologia como o estudo da relação específica do homem com a realidade.

**Histórico das Tendências do Pensamento  
Museológico Segundo Peter Van Mensch**

**1965:** Z. Stransky refere-se à “tendência de conhecimento”, em função da diversidade de visões

**TENDÊNCIAS:**

**1) Museologia como Estudo da Finalidade e Organização dos museus:**

**CONTRIBUIÇÕES:**

**1958:** Seminário Internacional de Museus Regionais - Rio de Janeiro

**1972:** Definição do ICOM: museologia voltada à organização dos museus

↓  
Influência nas Escolas de Formação

- Ilahn (1979) e K. Schreiner (1982) prenunciaram o fim desta abordagem

**2) Museologia como Estudo da Implementação e Integração de um Conjunto de Atividades Usando a Preservação e Uso da Herança Cultural e Natural**

**CONTRIBUIÇÕES:**

- A.M. Razgon: em 1972 concentra suas idéias na instituição, em 1982 no acervo e em 1988 nas atividades

- J. Benes, K. Schreiner e V. Schimpff: processos de coleta, preservação, interpretação, investigação, exposição e comunicação de objetos

- objeto: portador de informação → evidências do desenvolvimento da sociedade e natureza.

- P. Van Mensch: conjunto de teoria e prática envolvendo o cuidado e uso da herança (1983).

**3) Museologia como estudo dos Objetos de Museu:**

**CONTRIBUIÇÕES:**

- Z. Bruna: problema relativo ao material, aos objetos móveis.

- esta postura pode ser encontrada nas obras de A.M. Razgon e I. Jahn.

**4) Museologia como estudo da Musealidade:**

**CONTRIBUIÇÕES:**

- Z.Z. Stransky (1965): reconhecimento do valor documental dos objetos

- estudo sistemático dos processos de emissão de informação contida nos objetos museológicos (1980)

**5) Museologia como estudo da Relação Específica do Homem com a Realidade:**

**CONTRIBUIÇÕES:**

- Z.Z. Stransky (1980) “abordagem homem frente à realidade cuja expressão é o fato de que ele seleciona alguns objetos originais da realidade, insere-os numa nova realidade para que sejam preservados.

↓ Anna Gregorová (Museological Working Papers)

↓ Wojciech Gluzinski - Museologia Postulada -

↓ Waldisa Russo - Fato Museal - influenciou museólogos brasileiros (Marcelo Araujo, Heloisa Barbuy e Cristina Bruno)

1980: Homem  Objeto

Cenário

- Tomislav Sola (1982): defende a mudança do nome para Patrimoniologia.

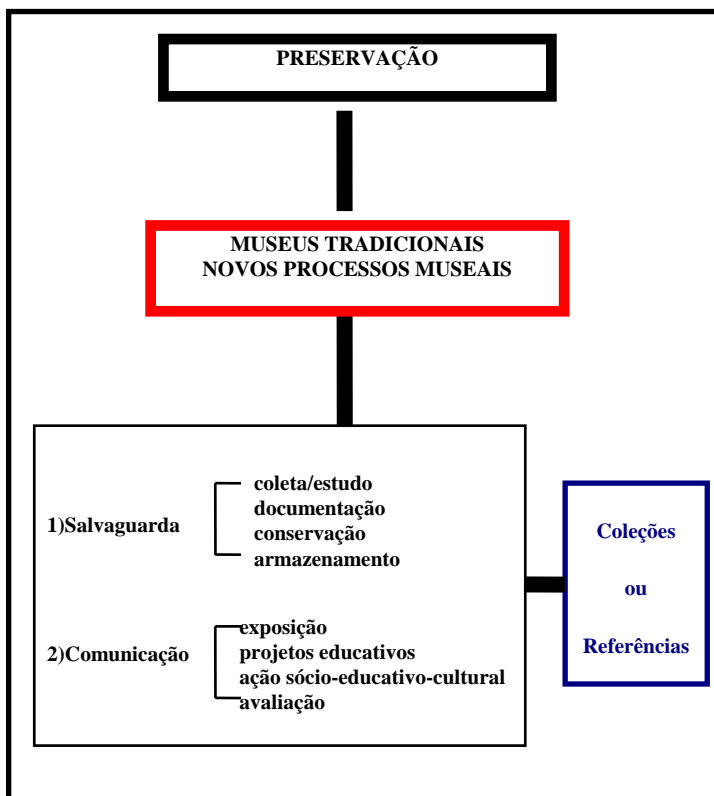
---

Revisitando essas idéias, constata-se que a preocupação desta disciplina está voltada para dois grandes fenômenos, conforme já foi apontado. Por um lado, a necessidade de compreender o comportamento individual e/ou coletivo do homem frente ao seu patrimônio e por outro lado, desenvolver mecanismos para que a partir desta relação o patrimônio seja transformado em herança e esta, por sua vez, contribua para a necessária construção das identidades (individuais e/ou coletiva).

Desta forma, enquanto área de estudo, a Museologia pode consolidar os museus já existentes e propiciar a criação de novos modelos. Em ambos os casos a noção de preservação é básica e o desdobramento dessa caminhada conceitual depende da compreensão do que é preservação (Quadro 2).

É possível enfatizar, lembrando Waldisa Guarnieri (1990:10), que musealização pressupõe ou implica em preservar e enquanto ação museológica ela aproxima objetos e homens, revitalizando o fato cultural, ... “a preservação proporciona a construção de uma memória que permite o reconhecimento de características próprias, ou seja, a identificação. E a identidade cultural é algo extremamente ligado à auto-definição, à soberania, ao fortalecimento de uma consciência histórica”





(Quadro 2)

---

Compreende-se, então, que a Museologia fundamenta-se na idéia de preservação e que esta, por sua vez, tem a potencialidade de desencadear processos orientados para a construção da identidade. Constata-se, desta forma, que os museus (e/ou processos museais), assumindo primordialmente a função preservacionista, podem desempenhar um papel relevante nas sociedades, sejam eles museus tradicionais ou novos processos museológicos.

As definições sobre preservação são muitas e datadas, mas estão sempre relacionadas à sobrevivência dos grupos humanos. Quer seja pela identidade cultural do grupo, ou pela integridade dos seres vivos, quando reflete-se sobre preservação está-se analisando outras idéias como os atos de selecionar, guardar, manter, ou mesmo repetir e transmitir.

As reflexões anteriormente mencionadas estão sempre subordinadas ao universo patrimonial. Considerando que patrimônio é o conjunto dos bens identificados pelo homem, a partir de suas relações com o meio-ambiente e com outros homens, e a própria interpretação que ele faz dessas relações, observa-se, em um primeiro momento, que este universo é infinito. Em seguida, é fácil constatar que os museus têm preservado uma pálida imagem (por meio de algumas coleções) do que realmente seria a nossa herança patrimonial.

Reside aí, então, o primeiro grande problema sobre a função preservacionista dos museus, e por consequência, também, uma questão para a organização mental do pensamento museológico, ou seja: a necessidade de amarrar com laços mais sólidos as relações entre o universo patrimonial e aquele que hoje é partilhado como herança cultural, e que será legado para o futuro.

Neste sentido, conceitualmente, a Museologia tem avançado nas últimas décadas. Basta citar as considerações sobre Patrimônio

---

Comunitário<sup>3</sup> e Patrimônio Integral<sup>4</sup> que têm apontado para as responsabilidades extra-muros dos museus, ou ainda a noção de Referência Patrimonial<sup>5</sup> assumindo o lugar das exauridas Coleções e, desta forma, possibilitando um futuro objetivo para a preservação da cultura material e espécimes da natureza.

Entretanto, é perceptível o desajuste entre esses avanços conceituais e a carência de métodos e técnicas capazes de orientar essas novas perspectivas. Assim, identifica-se o segundo problema relacionado ao tema: a urgência de estabelecer novos parâmetros para a formação profissional e reciclagem daqueles que já estão à frente dos processos museológicos.

Uma das possibilidades para a formação está em aceitar que a Museologia está ligada à “administração da memória” (Meneses, 1991) e, neste sentido, deve-se reconhecer que este gerenciamento pressupõe um novo trabalho cultural e educacional, que atribui ao patrimônio novos usos e novas significações. Portanto, os museus, estabelecidos tradicionalmente a partir de coleções, devem contar com profissionais aptos ao desempenho dessas tarefas, ou seja: compreender que o objeto é um suporte de informações e por isso ele deve ser preservado ao lado de outros meios de informação.

Assim sendo, as atividades básicas vinculadas à coleta, conservação, documentação, armazenamento, exposição, ação sócio-cultural e avaliação devem estar relacionadas a dois grandes blocos, a saber: salvaguarda e comunicação dos indicadores da memória. O desempenho desses dois blocos está vinculado a problemas éticos

---

(3) Entende-se por Patrimônio Comunitário o conjunto de bens partilhado por um grupo de pessoas em um espaço delimitado e ao longo do tempo, cuja preservação é importante para a identidade cultural do grupo.

(4) Entende-se por Patrimônio Integral o conjunto de bens que deve ser preservado para a identidade e integridade dos seres vivos.

(5) Referência Patrimonial: elemento extraído do universo patrimonial, significativo em relação a um conjunto maior, e que sua preservação pode representar o universo referido.

---

sobre o uso da herança patrimonial, às questões de como uma sociedade enfrenta e estabelece um diálogo com seus traços culturais - mesmo os museus sendo universais e, sobretudo, à compreensão da vocação educacional de todas as tarefas museais. Trata-se, portanto, da imposição e estabelecimento de critérios de gerenciamento da informação contida no universo de intervenção museal.

Julga-se que, dessa forma, “novos profissionais” poderiam aproximar os museus tradicionais dos novos modelos, pois a oposição nesse caso não é saudável nem para os museus nem para os profissionais. É fundamental, então, compreender que tanto as coleções sectárias e elitistas, quanto as vertentes do patrimônio integral são indicadores da memória e, de acordo com a linha de trabalho, podem servir para a “construção” e “releitura” sobre o passado e mesmo “ajustar” e “dinamizar” o presente.

Assim sendo, a formação mais adequada para esses novos desafios indica que este profissional tem que estar apto para prolongar a vida dos objetos, mas também para propiciar a releitura das idéias do presente, dando novas interpretações aos acontecimentos do passado. E isso é preservação (Lucena, 1991), isto é: instrumento para a organização mental dos princípios da Museologia e sua construção disciplinar.

A identificação e a delimitação da área de abrangência do pensamento e práticas museológicas, submetidos à problemática preservacionista, indicam a necessidade da convivência mental com as questões ligadas aos sinais, imagens e símbolos, ou seja: o reconhecimento, o tratamento e a extroversão dos sentidos e significados dos indicadores da memória. Adentra-se, portanto, nos campos da documentalidade e testemunhalidade dos segmentos patrimoniais que são alvo de musealização.

---

É importante reiterar que a, já clássica, definição de **Fato Museal**, elaborada por Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1990:7) deve ser abordada neste momento. Segundo a autora... “é a relação profunda entre o Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, parte da Realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem o poder de agir, relação esta que se processa num cenário institucionalizado, o museu”.

Reconhece-se, entretanto, que a intervenção museológica corresponde a um contexto bem delimitado do universo patrimonial: aquele de onde emergem os objetos e os artefatos. Para tanto, a noção de preservação, como base estruturadora do pensamento museológico, é permeada pelos problemas ligados às “coisas” feitas ou transformadas pelo homem. E... “Objeto é tudo o que existe fora do Homem, aqui considerado um ser inacabado, um processo. Este ser inacabado, este processo condicionado pelo seu meio, capaz de criar, percebe o objeto existente fora de si; não só percebe, como lhe dá função, e lhe altera a forma ou a natureza, cria artefatos” (Guarnieri, 1990: 8 op cit). Como já foi apresentado, esta atitude humana tem sua sequência nos processos que levam às sociedades às ações de preservação. Neste sentido, cabe destacar que os objetos retêm as informações referentes aos sistemas sócio-culturais onde estão inseridos.

A Museologia se interessa, portanto, em administrar, conservar e em organizar novas maneiras de informação, por meio da elaboração de discursos expositivos e estratégias pedagógicas.

Assim, fica evidente que as estruturas mentais que consolidam esta disciplina interagem com as idéias e conceitos preservacionistas de forma muito singular. Os processos de salvaguarda e comunicação, que são inerentes à musealização,

particularizam o enfoque preservacionista da Museologia, dando-lhe caráter e dinâmica próprios.

Segundo Shanks e Tilley (1987), musealização é a elaboração de um sistema estético para criar significados. Esta definição verticaliza outro aspecto da disciplina museológica: este universo epistemológico é norteado pela noção de preservação, é organizado pelas características inerentes ao gerenciamento e administração da memória, mas trata, especificamente, da consolidação de um fenômeno de comunicação. Este, por sua vez, diz respeito à elaboração de experimentos e a sua construção teórica tem uma dependência efetiva da experimentação prática. Desta forma, surge outra característica da Museologia: a sua identidade de disciplina aplicada que tem a potencialidade, também, de criar valores e significados.

Os processos de musealização, vistos como o eixo central da construção desta área de conhecimento, por um lado, contribuem para a seleção, triagem, organização e conservação da documentalidade, testemunhalidade e autenticidade impressas nos objetos musealizados. Por outro lado, constroem novos valores e significados para estes objetos, por meio da elaboração de exposições e ação educativo-cultural. Neste momento, transparece não só a cumplicidade da Museologia com as áreas de conhecimento ligadas ao estudo dos bens patrimoniais, mas, sobretudo, a sua inerente submissão a questões ideológicas. Emerge, também, outro aspecto relevante à sua edificação disciplinar: junto aos postulados gerais e universais (Museologia Geral) impõe-se, com muita clareza, os problemas de ordem especial e particular (texto e contexto museológicos).

Vale ainda destacar outra característica dos processos de musealização que diz respeito a sua própria engrenagem. Como

---

lembrou Guarnieri (1990: 8)... “Quando musealizamos objetos e artefatos (aqui incluídos os caminhos, as casas e as cidades, entre outros, e a paisagem com a qual o Homem se relaciona) com as preocupações de documentalidade e de fidelidade, procuramos passar informações à comunidade, ora, a informação pressupõe, **conhecimento** (emoção/razão), **registro** (sensação, imagem, idéia) e **memória** (sistematização de idéias e imagens e estabelecimento de ligações). E a partir dessa memória musealizada e recuperada que se encontra o registro e, daí, o conhecimento suscetível de informar a ação.”

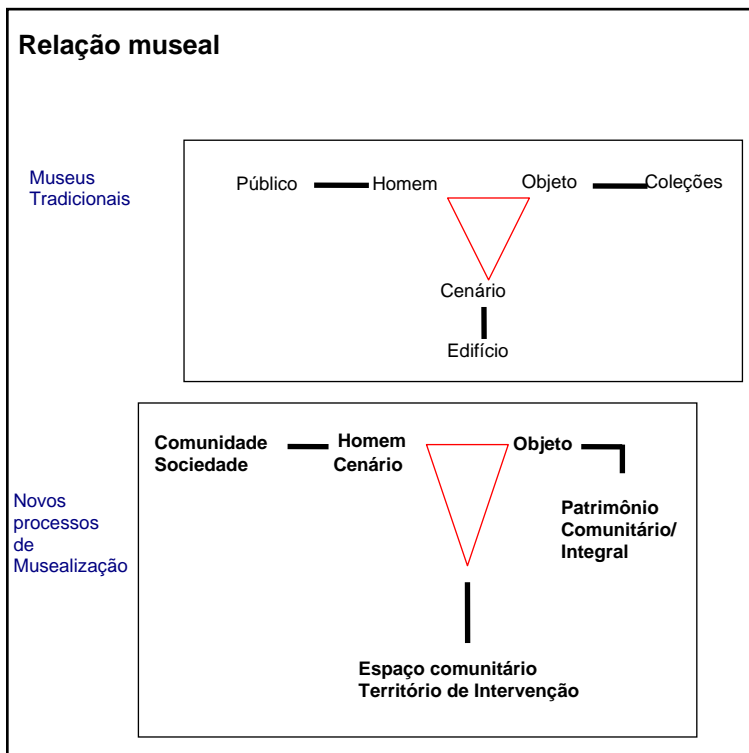
Esta citação expõe, com bastante pertinência, a vulnerabilidade da delimitação científica do território museológico em relação às pressões ideológicas. Cabe frisar que nas perspectivas de estudos museológicos apontadas anteriormente por Peter Van Mensch nota-se duas grandes linhas de abordagens. Por um lado, as definições pragmático-institucionais cobrem todo o universo mental e, por outro lado, as preocupações prendem-se à compreensão das relações entre o homem e o objeto. Esta dicotomia de linhas de pensamento também demonstra que a Museologia vem sendo estruturada a partir de distintos sistemas de idéias.

Uma terceira ordem de problemas que tem aflorado nos últimos anos, a partir do fortalecimento das discussões ecológicas, registra que tratar os problemas vinculados à preservação significa respeitar o conceito da biodiversidade. Nesse caso, é impossível não perceber a incapacidade dos museus tradicionais em tratar esse novo conceito, uma vez que as instituições museológicas passaram este século preocupadas em determinar suas especialidades, em desmembrar suas coleções e em contribuir para a organização de uma tipologia de museus, constituída por tipos estanques.

Deve-se ressaltar, também, que o universo profissional vinculado aos museus valorizou, e muito, a cultura material, tornando a instituição museológica antropocêntrica. Portanto, não devem ser negligenciadas as dificuldades que os museus estão enfrentando em compatibilizar seus atuais perfis em relação ao seu caráter preservacionista.

Partindo-se da noção de preservação, tendo como foco de análise um fenômeno de comunicação que tem a possibilidade de construir e reconstruir as relações entre a sociedade e sua herança patrimonial, a Museologia vem organizando seu campo teórico, particularizando-o entre aqueles que orientam as disciplinas aplicadas, e testando-o por meio de inúmeras experimentações que ocorrem no âmbito dos museus tradicionais ou no âmago dos novos processos museais (Quadro 3).





(Quadro 3)

Desta forma e, lentamente, esta área vem organizando a hierarquia de suas estruturas mentais, superando paradigmas e colocando-se frente a novos desafios. Assim, têm surgido questões inerentes aos limites e reciprocidades desta área com outras áreas científicas, como também movimentos de intelectuais que apontam para uma Nova Museologia.<sup>6</sup>

Considera-se que os fenômenos museais tradicionais correspondem aos museus estruturados institucionalmente, que

(6) Movimento definido durante a realização do “Ateliê Internacional Ecomuseus/Nova Museologia”, em Quebec-Canadá (outubro de 1984)

---

atuam a partir de coleções constituídas e exercem sua função social por intermédio da sua produção científica e de suas formas de intervenção comunicacional e educacional. Já os novos processos que procuram interagir extra-muros voltam-se para as perspectivas do trabalho comunitário. Como afirma Maure (1994:85)... “Ces ‘nouvelle realisation’ ont - quelles que soient les différences - trois éléments principaux en commun; elles accordent toutes une importance primordiale à: l’identité locale, la perspective écologique, et la participation de la population. C’est dans l’interaction entre ces trois éléments, dans un cadre museal, que réside la nouveauté et l’importance du mouvement”.

Trata-se de um alargamento considerável dos horizontes epistemológicos, dentro do mesmo universo de preocupações, impondo desta forma metodologias adequadas.

Em recente reunião de profissionais realizada em Petrópolis (Maio, 1995), no âmbito do I Encontro Nacional do ICOM-Brasil (International Council of Museums) foi elaborado um documento, no qual tive ativa participação, com as reflexões e propostas brasileiras, para ser apresentado na Conferência Geral do ICOM, em Stavanger, Noruega (Julho, 1995).

O grupo que discutiu as questões teóricas apresentou as seguintes conclusões:

#### **“Grupo de Interesse sobre *Museologia* (ICOFOM)**

As discussões do grupo tiveram como perspectiva a reflexão sobre aspectos teórico-metodológicos da Museologia (de acordo com os objetivos do ICOFOM), considerando inclusive as questões referentes à formação profissional nesta área. Como resultado dessas discussões o grupo propõe:

1) o reconhecimento da Museologia como disciplina aplicada, com a potencialidade de mediar as necessárias relações entre preservação e desenvolvimento; neste sentido a ação da Museologia caracteriza-se, singularmente, por sua capacidade de transformar o **Patrimônio** em **Herança**. Define-se **Patrimônio** como conjunto de bens fruto das relações do Homem com o meio ambiente e com os demais homens, assim como as interpretações dessas relações. Define-se a **Herança** como a consciência da existência desse Patrimônio, assumido enquanto conjunto de signos que permitem a identificação do indivíduo em relação a si mesmo e ao grupo a que pertence, no tempo e no espaço.

A preservação e o conhecimento do Patrimônio levam à constituição da **Herança**, como base da identidade das comunidades, e de seu desenvolvimento;

- 2) a necessidade, por parte da Museologia, de um profundo conhecimento dos segmentos da realidade social correspondente ao seu universo de aplicação;
- 3) a implementação de processos museais que identifiquem e reconheçam as comunidades de diferentes naturezas a que se destinam, e que procurem adequar as estratégias de ação, os procedimentos metodológicos e técnicas aplicados às peculiaridades destas diferentes comunidades. A avaliação permanente e sistemática desses processos deverá ser incorporada à musealização;
- 4) a garantia da participação das comunidades envolvidas em todas as etapas do processo museológico, considerando que a Museologia permite

a transferência de seu conhecimento específico, de seus métodos e técnicas de atuação;

- 5) o reconhecimento do objeto central de estudo da museologia como um “fenômeno de comunicação”, construído a partir da articulação das múltiplas formas de relação entre o homem e o objeto em um cenário;
- 6) o respeito ao tempo inerente à construção dos fenômenos museais, determinado pelas singularidades das variáveis envolvidas nestes processos;
- 7) o reconhecimento de que as múltiplas possibilidades de aplicação de processos museológicos são meramente diferenças metodológicas, que só vêm a enriquecer a unidade da teoria museológica.

Propõe-se assim uma nova ação museológica, capaz de alterar a visão tradicional de museu, num país como o Brasil, no qual a identidade reside exatamente na diversidade cultural, considerando-se que o “corpus” teórico de uma disciplina modifica-se na sua relação dialética com a realidade.

### **Formação de Pessoal:**

- Considerando estes pressupostos, propõe-se que, no Brasil, a formação de pessoal na área da Museologia busque a preparação de profissionais críticos e capazes de atuar como mediadores na relação Preservação e Desenvolvimento, conscientes de que esta ação de mediação contribui para a construção dos valores sociais e para a estruturação da herança cultural.

Neste sentido, a formação dos profissionais de museus deverá incluir conhecimento e treinamento em três níveis:

- 1) a estrutura teórica, metodológica e técnica da Museologia;
- 2) o perfil patrimonial da realidade brasileira em sua diversidade, semelhanças e contrastes;
- 3) os recursos técnicos e os fundamentos teóricos da Comunicação, e de sua nova tecnologia.

Este tipo de formação visa capacitar a esses profissionais para uma ação social voltada para a educação integral; é indispensável assim reformular-se a estrutura curricular dos cursos de Museologia, promovendo a interdisciplinariedade e a interação entre as diferentes áreas. É igualmente importante que a Museologia faça parte de outras áreas acadêmicas, responsáveis pela formação de profissionais que venham a atuar em museus.”

Entretanto, ainda são tímidas as suas inserções no mundo acadêmico. Faltam, em especial, uma profusão maior de periódicos especializados, cursos de formação e encontros científicos.

Apesar das considerações elencadas, é possível apresentar um quadro referencial desta disciplina (Quadro 4), afirmar que seu eixo está apoiado na compreensão, realização e análise dos processos de musealização (Quadro 5), que a Museologia compõe com as Ciências Humanas um cenário multidisciplinar, com o objetivo de contribuir para a solução de uma problemática percebida na dinâmica socio-cultural.

## Quadro Referencial da Disciplina Museológica (A)

### Museologia geral:

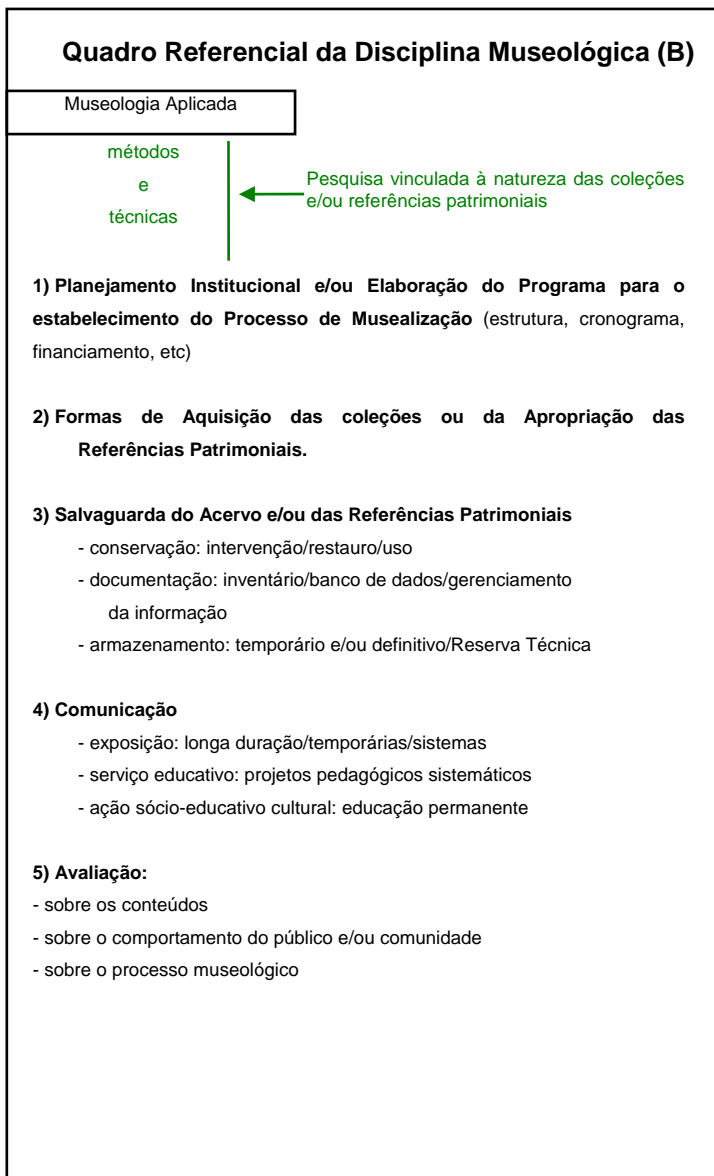
- 1) **Teoria Museológica:** conjunto de princípios que se articulam a partir da análise das experimentações ou do estudo do fato museal e a respectiva sistematização - dessas reflexões - (categorias universais)
- 2) **História dos Museus:** estudos voltados para a inserção desse modelo institucional nas suas respectivas sociedades, enfatizando a análise sobre mudanças de forma e conteúdo e identificando a origem e desenvolvimento de novos processos de musealização.
- 3) **Administração de Museus:** experimentações estruturais e regimentais visando o exercício profissional interdisciplinar e a aproximação com os órgãos mantenedores e com a sociedade em geral (gestão orientada e auto-gestão).

### Museologia Especial:

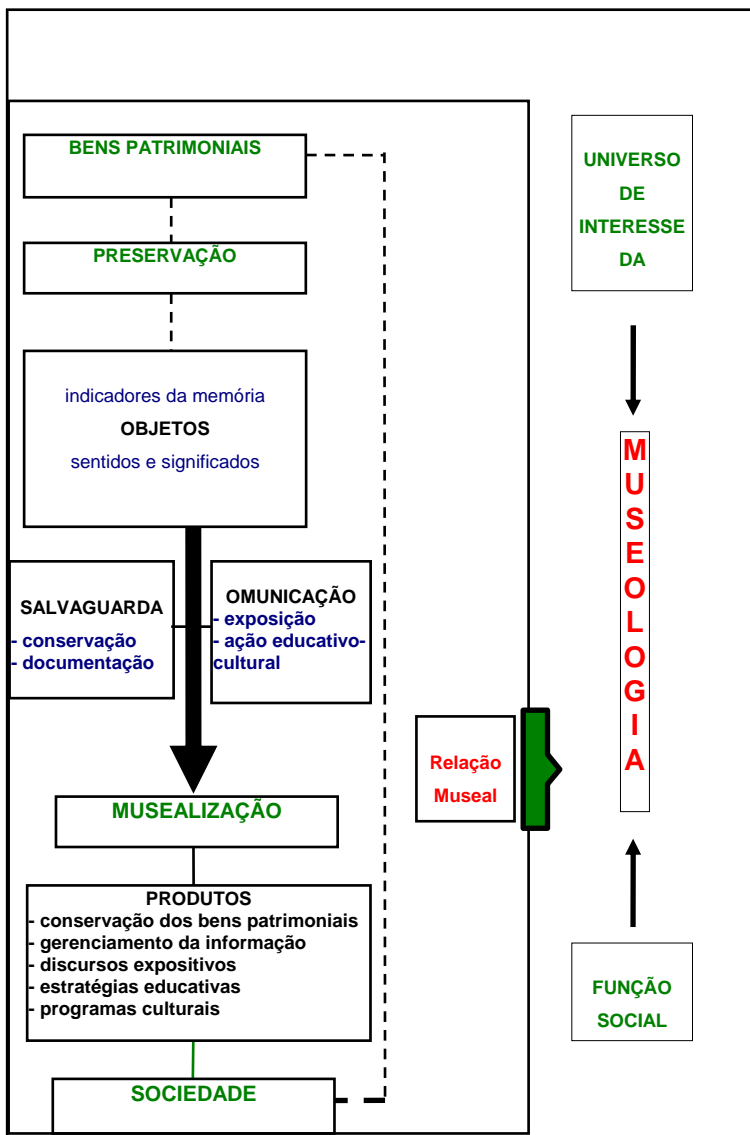
Os estudos acima elencados devem ser orientados a partir da identificação das características do fato museal, a saber:

- 1) **Texto Museológico:** relacionado ao tipo do museu ou processo museológico (natureza do acervo ou perfil das referências patrimoniais)
- 2) **Contexto Museológico:** referente à sociedade onde o processo museológico está fixado ou o museu localizado.

(Quadro 4-A)



(Quadro 4-B)



(Quadro 5)



**BIBLIOGRAFIA CITADA**

- GUARNIERI, W.R.C. - Museu, Museologia, Museólogos e Formação. **IN: Revista de Museologia**. ano 1, nº 1. Instituto de Museologia de São Paulo / FESP. São Paulo (1989)
- \_\_\_\_\_, W.R.C. - Conceito de Cultura e sua Inter-relação com o Patrimônio Cultural e Preservação. **IN: Cadernos Museológicos**. IBPC, nº 3. Rio de Janeiro (1990)
- LUCENA, C. - **Linguagens da Memória**. Apoio 6. Fundação para o desenvolvimento da Educação. São Paulo (1991)
- MENESES, U.B. - A História. Cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **IN: Revista do IEB/SP**, nº 34. São Paulo (1991)
- POMIAN, K. - Coleção. **Enciclopédia Einaudi/Memória-História** 1. Imp. Nac. Casa da Moeda. Porto (1984)
- SHANKS, M. & TILLEY, C. - Presenting the past: towards a redemptive aesthetic for the museum. **IN: Reconstructing Archaeology: theory and practice**. Cambridge University Press. Cambridge (1987)

Obs.: este texto, com algumas alterações, faz parte da tese de doutoramento “Musealização da Arqueologia: um estudo de Modelos para o Projeto Paranapanema” (1995)